Da Paraíba para o Brasil – trajetória da Orquestra Tabajara de Severino Araújo[1]

Moacir Barbosa de Sousa[2]

Resumo

Criada em 1933, a Orquestra Tabajara foi considerada a mais famosa orquestra de bailes populares do Brasil e cognominada pelos historiadores e críticos musicais *a eterna big band brasileira*. Seu som e sua imagem estarão sempre ligados à figura de Severino Araújo, seu maior *band leader*. Foi batizada com esse nome, em função da emissora onde o grupo começou acompanhando calouros e cantores profissionais paraibanos nos programas de auditório comandados por Paschoal Carrilho na Rádio Tabajara, a "emissora oficial da Paraíba", em cuja inauguração, o maestro esteve presente. "A Orquestra Tabajara é quem mais faz propaganda da Paraíba no mundo inteiro", declarou Severino Araújo. Este trabalho busca resumir a trajetória do grupo musical desde as terras nordestinas, ao sucesso no Rio de Janeiro, onde ainda hoje anima bailes.

Palavras-chave
Música brasileira; história; rádio; tecnologia

INTRODUÇÃO

Severino Araújo não foi apenas um grande maestro. Deixou para a MPB sambas e choros, entre eles *Espinha de bacalhau*, composto em 1937, um dos mais executados no Brasil e no exterior e uma peça importante no repertório do choro e da clarineta. É uma música conhecida na Inglaterra, França, Dinamarca, Suíça, Itália, Finlândia, Portugal, Argentina, Estados Unidos, Uruguai, Alemanha, Áustria, Espanha e Holanda. O clarinetista e saxofonista Paulo Moura, ex-integrante da Orquestra Tabajara elogia Araújo ao classificar os arranjos do maestro/arranjador/instrumentista paraibano como agressivos e diferentes do que se fazia na época.

Em dezembro de 1944, a Orquestra Tabajara recebeu da Rádio Tupi o convite para se apresentar no Rio de Janeiro. A estreia "oficial" da orquestra ocorreu no dia 20 de janeiro de 1945 sendo transmitida por toda cadeia associada que cobria o Brasil de norte a sul. Em 1952, em Paris, tocou para o lançamento do algodão brasileiro na Europa. No carnaval de 1955 tocou durante 40 dias em Montevidéu; em 1961 o grupo animou o carnaval de Buenos Aires, capital da Argentina. Em 1989 tocou em Lisboa, no Casino Estoril e depois em várias cidades portuguesas. Tocou nos programas de auditório da Rádio e TV Tupi durante 10 anos, Rádio Nacional, 10 anos, Rádio Mayrink Veiga, 5 anos, e TV Rio, 5 anos, quando

[1] Trabalho apresentado no GP Mídia Sonora, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Professor Associado 3 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

se destacou com uma execução da Abertura do Guarani, de Carlos Gomes, durante o I Festival Internacional da Canção apresentado pelo emissora.

Sua presença constante inclui a *Domingueira Voadora*, do Circo Voador, no Rio de Janeiro, durante 10 anos; por 20 anos animou o baile *Parece Que Foi Hontem*, promovido pela Cooperativa da Imprensa, 06 anos na churrascaria Roda Viva, 08 anos no carnaval de João Pessoa e Recife, 35 anos na Gravadora Continental, onde gravou mais de 300 discos com sucessos como *Paraquedista*, *Sonoroso*, *Rhapsody in Blue* e 22 anos na gravadora CID. Gravou uma série de CDs de sucesso denominada *Anos Dourados* depois da participação da orquestra no seriado da TV Globo.

Um filho de Severino Araújo é músico da orquestra e outro segue a carreira do pai com a Orquestra Cuba Livre. Da formação inicial a Orquestra Tabajara tem um único paraibano, Geraldo Medeiros. Quando Severino Araújo deixou a Paraíba pelo Rio de Janeiro, a Rádio Tabajara contratou o maestro e instrumentista, também pernambucano, Moacir Santos (falecido em 18 de julho de 2006, aos 80 anos de idade), para assumir o lugar deixado pelo conterrâneo. Anos depois, Moacir Santos também seguiu para o Rio.

Severino Araújo de Oliveira nasceu em 23 de abril de 1917 no engenho São José, localizado em Cedro, distrito de Limoeiro, interior de Pernambuco, filho do "Mestre Cazuzinha" conhecido mestre de banda militar na região. Seu pai também ministrava aulas de música e logo percebeu a tendência musical do filho. Cedo, o menino já conhecia as técnicas de solfejo e aos oito anos ensinava música a pessoas bem mais velhas que ele. Aos doze anos apresentou sua primeira composição, um dobrado que foi executado pelo pai, a essa altura regente da Banda Municipal de Chã do Rocha, no interior da Paraíba. Em 1930 mudou-se para João Pessoa, onde foi clarinetista na banda de polícia e depois convidado para integrar a Jazz Tabajara, embrião da orquestra. Seus quatro irmãos eram músicos e participaram também da Orquestra Tabajara. Em 1988, Severino Araújo completou cinquenta anos ininterruptos à frente da orquestra, com mais de 14 mil apresentações. Permaneceu na liderança da orquestra até o ano de 2006, quando passou o cargo a seu irmão Jayme Araújo, saxofonista e flautista. Araújo morreu em 3 de agosto de 2012, aos 95 anos de idade, de falência múltipla dos órgãos causada por uma infecção urinária.

RÁDIO E HISTÓRIA

As comemorações do centenário da Independência do Brasil foram marcadas pela realização de uma grande Exposição Internacional, em 1922. Na ocasião visitavam o Brasil o presidente da República Portuguesa Antônio José de Almeida, os rei da Bélgica e o rei da Suécia. Na programação destacaram-se as experiências de transmissão radiofônica. Naquele ano, graças às estações instaladas e com alto-falantes colocados no recinto da Exposição, o povo ouviu em diversos locais a palavra do Presidente Epitácio Pessoa inaugurando o Palácio das Festas e saudando os reis da belgas Alberto I e Elizabeth. Falou em seguida o Rei Gustavo Adolfo V, da Suécia. À noite pode ser ouvida a canção *O Aventureiro*, da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, direto do Teatro Municipal.

A Exposição Internacional do Centenário da Independência abrangia 14 pavilhões internacionais instalados em local resultante do desmonte do Morro do Castelo. Os pavilhões nacionais estavam assim destinados: administração, festas, estados, música, parque de diversões e estatística. Predominava na decoração o emergente estilo neocolonial e no interior dos pavilhões tinha-se acesso a postais, brindes, objetos como lembranças do evento, medalhas, bailes, sorteios, apresentações musicais, congressos, conferências e a transmissão Radiofônica pioneira.

O sistema de transmissão pioneiro chamou-se na época de *Telephone-Alto-falante*. Equipamentos precários resultaram numa transmissão de som metálico, distorcido e sem qualidade, conforme depoimento de Roquette Pinto. A Western Electric havia instalado uma estação provisória no local da exposição e posteriormente uma estação transmissora na Praia Vermelha. Por sua vez, a Westinghouse mandou ao Brasil o engenheiro N. H. Slaughter que comandou a montagem de outra estação, a Rádio Corcovado**.** Apenas 80 pessoas receberam aparelhos receptores como empréstimo para acompanhar a pioneira transmissão. Renato Murce (depoimento no programa *Pioneiros e Desbravadores*, série *Rádio no Brasil*. Collector's, 1988) afirma que:

> O povo que se juntava na exposição do Centenário, uma multidão incalculável, era pior do que São Tomé: estava vendo, ouvindo e não acreditando. Como é que um aparelhinho pequenino, lá longe, sem nada, sem fio, sem coisa nenhuma, podia ser ouvido à distância? E ficaram embasbacadas. Quase que não havia Radiorreceptores. Eram aqueles de galena, muito complicados e quase ninguém podia ouvir a não ser aqueles que estivessem presentes. E os que ouviram, ouviram **O Guarani**, de Carlos Gomes, irradiado diretamente do Teatro Municipal. Esta foi a primeira experiência de Rádio no Brasil.

Depois de apresentado ao público durante as comemorações do Centenário da Independência do Brasil, o rádio provocou a seguinte reação em Roquette Pinto (Depoimento em Documentos Sonoros. Collector's, 1990):

> A verdade, é que durante a Exposição do Centenário da Independência, em 1922, muito pouca gente se interessou pelas demonstrações experimentais de Radiotelefonia então realizadas pelas companhias norte-americanas Westinghouse, na Estação do Corcovado, e Western Electric, na Praia Vermelha. Muito pouca gente se interessou. A causa principal desse desinteresse foram os alto-falantes instalados na Exposição. Ouvindo discursos e músicas reproduzidos em meio a um barulho infernal, tudo roufenho, distorcido, arranhando os ouvidos. Era uma curiosidade sem maiores consequências.

No dia 7 de setembro de 1922, quinta-feira, a programação oficial dos festejos do Centenário, no Rio de Janeiro, Distrito Federal foi a seguinte de acordo com o quer foi noticiado no *Diario Official do Estado – A União* (nº 190, 7 set. 1922, ano XXX):

8 horas: passagem em revista às tropas do Exército, Marinha e Aeronáutica, no Campo de São Cristóvão, pelo Presidente Epitácio Pessoa;

Meio-dia: juramento à bandeira pelos alunos das escolas municipais, na sede da Prefeitura do Rio de Janeiro, com a presença do Presidente da República;

14 horas: o Presidente da República recebe no Palácio do Catete os cumprimentos do corpo diplomático;

16 horas: inauguração oficial da Exposição Comemorativa do Centenário da Independência;

20 horas: desfile cívico pelas ruas do centro do Rio de Janeiro;

21 horas: espetáculo de gala no Teatro Municipal, com apresentação da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes;

22 horas: show de fogos de artifício no Campo de São Cristóvão.

Em São Paulo foi inaugurada a avenida da Independência, que ligava o centro da cidade ao Ipiranga. Em Santos, houve inauguração do Panteão dos Andradas. Em Ouro Preto aconteceu uma programação cívica no local onde se situava a casa de Tiradentes. Na Bahia foi inaugurado o Palácio do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e peregrinação cívica ao Campo da Pólvora.

O presidente da Província da Paraíba era Solon de Lucena; na programação organizada pelo governo constaram regatas, inauguração da Praça da Independência, desfile de tropas e escolas. Conforme o Jornal Oficial *A União* (7 set. 1922, p.7), das 19 às 21 horas, a Banda de Música do 22º Batalhão de Caçadores realizou uma retreta cujo programa foi: 1- *Marcha dos Armadores*, de Albertino; 2- Abertura *de Les Noces D'Argent*, de

Casterón; 3- *Bela Haydée*, fox-trot de J.Cooper; 4- *Caboclo Sertanejo*, tango de autor anônimo; 5- *Jubileu*, dobrado de A. Medeiros; 6- pot-pourri de *La Favorita*, de Donizetti; 7- *Realidade de um sonho*, valsa de Nelson Ferreira; 8- *Reco-reco*, cateretê de autor anônimo; 9- *Capitão Alfredo Bezerra*, dobrado de J.Cantalice e finalizando com o *Hino da Independência do Brasil*. Em João Pessoa foi inaugurada a Academia de Commercio Epitácio Pessoa. Ao estampar na sua primeira página um retrato do Presidente Epitácio Pessoa, A *União* louvou a data e o Presidente paraibano: "Dr. Epitácio Pessoa, primeiro magistrado da Nação que promoveu e realizou as festas do Centenário, impondo-se á gratidão dos brasileiros e aos applausos da Communhão Internacional, pela bravura pelos acertos e realizações do seu governo [...]"

Ainda durante as comemorações do centenário da Independência, o Presidente Epitácio Pessoa criou uma comissão incumbida de viabilizar a realização de um grande filme histórico. Coelho Neto teve seu nome lembrado para escrever o argumento, mas a ideia não se concretizou. A Exposição permaneceu aberta ao público até 1923, com novo Presidente no poder. O filme *No País das Amazonas*, do português radicado em Manaus Silvino Santos, recebeu medalha de ouro na exposição e foi exibido para o recém-empossado Presidente Artur Bernardes. O órgão noticioso oficial dos festejos do Centenário da Independência editado pela comissão organizadora do evento foi a *Illustração Brasileira*, que chegou a circular em quatro números.

O jornal *A União* (7 set. 1922, p. 2) deu destaque à seguinte matéria:

> **A Revista da Semana**
> O prestigioso magazino carioca publica os retratos das moças mais bellas da Parahyba.
>
> **A Revista da Semana**, um dos mais apreciados e bem feitos magazinos cariocas, tomou, como é amplamente sabido, com **A Noite**, do Rio de Janeiro, a iniciativa do sensacional concurso de belleza do Centenário, procedido com o maior critério em todo o território do nosso paiz. Nesta cidade encarregou-se do original certamen esthetico, sendo credora dos mais francos elogios pelo modo de sua actuação no assumpto, a sympathizada revista **Era Nova**, a qual já deu a honrosa tarefa por concluída, elegendo com enorme approvação publica, os typos mais representativos da formosura feminina de nossa terra [...] Registramos nesta página as eleitas da capital da Parahyba, vencedoras do certamen realizado sob os auspícios dos nossos confrades de **Era Nova**. 1 – Sra**.** Stella Caçador Stahël, a rainha da Parahyba, eleita por 8.671 votos. 2 – Senhorinha Esther Mendonça, classificada em 2º logar, com 2.768 votos. 3 – Senhorinha Raymunda Silva, 3º logar, com 1.801 votos [...]

Em 6 de abril de 1919, assinala Maranhão Filho (1991, p. 9) um grupo de amantes da telegrafia – Oscar Moreira Pinto, Augusto Pereira e João Cardoso Ayres - fundou uma estação de Radiotelegrafia de prefixo PRA-P, que evoluiu para o Rádio Club de

Pernambuco conhecida pelo prefixo PRA-8, anunciado pelos locutores da época com a letra *érre* exageradamente pronunciada. Abílio Leôncio de Castro, ainda segundo Maranhão Filho, teria sido o primeiro locutor profissional do Rádio brasileiro (e sul-americano) e a primeira locutora Maria Luiza de Albuquerque Maranhão, oriundos do Rádio Club de Pernambuco. Abílio de Castro criou a expressão *speaker*, que durante muito tempo denominou aqueles que ocupavam os microfones das estações de Rádio, depois de uma polêmica na imprensa pernambucana com alguns que desejavam o termo "falador". Em 1948, Castro foi "examinador" em testes para locutor realizados na Rádio Tabajara da Paraíba. Afirma ainda o professor e pesquisador pernambucano que os primeiros microfones utilizados nesta fase pioneira eram feitos em latas de goiabada marca Peixe, a partir de esquemas técnicos obtidos em revistas especializadas trazidas do exterior.

Luiz Carlos Saroldi, (depoimento no programa *Pioneiros e Desbravadores*, série *O Rádio no Brasil*. Collector's, 1988) no entanto, contesta o pioneirismo pernambucano:

> Quanto à primeira emissora a ser fundada entre nós, mencione-se também a reivindicação do título de pioneira para o Rádio Clube de Pernambuco, que tem um registro datado de quatro anos antes da Rádio de Roquette Pinto, 6 de abril de 1919. Acontece, porém, que as experiências de transmissão dos jovens pernambucanos foram feitas, mas se tratavam ainda de pesquisa de recepção Radiotelefônica, e não Radiofônica, embora a partir de fins de 1922, os rapazes de Pernambuco viessem a conseguir transformar um transmissor Radiotelegráfico em transmissor Radiofônico. No fundo, Roquette Pinto tem a primazia de ter fundado e posto para funcionar a primeira emissora, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

A primeira estação de rádio do estado, a Rádio Clube da Paraíba, surgiu entre 1930 e 1931. Para Newton Monteiro, filho de um dos fundadores da Rádio Clube da Paraíba, José Monteiro, a penetração da Rádio Clube de Pernambuco-PRA-8 na capital paraibana era muito forte. Isso favorecia o comércio recifense, que tinha seus produtos como o sabonete Tabarra e os sabões da firma Alimonda Irmãos disseminados entre os consumidores pessoenses. Montada pelo radiotécnico José Monteiro Gomes de Oliveira, a nova emissora paraibana teve como colaboradores mais próximos Oliver von Shosten (um dos fundadores da Orquestra Tabajara), recém-chegado à Paraíba direto da Holanda para instalar uma empresa e exercer a função de cônsul, e Francisco de Sales Cavalcanti, que depois seria um dos diretores da emissora. Como a lei permitindo a publicidade no Rádio só seria promulgada por Getúlio Vargas em 1932, a Rádio Clube, seguindo o modelo de algumas emissoras que surgiam pelo país afora, funcionou como uma sociedade onde seus membros contribuíam financeiramente para sua manutenção. Um ano depois de fundada, a associação

já tinha mais de 200 participantes. Os sócios podiam também levar os discos para serem tocados na emissora.

A Rádio Clube da Paraíba instalou-se na Avenida Gouveia Nóbrega, em frente ao Depósito da Prefeitura, perto da Bica, Parque Arruda Câmara. Como ainda não havia aparelhos de rádio para recepção dos programas, eles eram irradiados por meio de alto-falantes instalados no centro da capital. O transmissor da nova emissora não era potente e os poucos proprietários de receptores precisavam de muita paciência para sintonizar o sinal da Rádio Clube. Alguns desses donos de aparelhos chegaram a destinar salas especiais onde as pessoas se reuniam ao redor do rádio receptor. Na Rua Direita, hoje rua Duque de Caixas, no centro de João Pessoa, havia uma dessas salas. Um alto-falante da Rádio Clube foi instalado na rua 13 de maio, em frente à casa de Leonís Peixoto, um dos diretores da estação. Integravam o primitivo grupo de sócios da nova rádio os irmãos de José Monteiro (Manuel, João, Antônio e Pedro) e mais José Olinto, Rosil Pedrosa, Hortência Peixe, Pedro Jaime, Ismael Jorge, Leonís Peixoto, Diógenes Caldas, Maurício Furtado, Olegário de Luna Freire (maestro), Cláudio Lemos, Ariel Farias (fotógrafo), Walfredo Rodriguez (escritor, fotógrafo e cineasta, criador do logotipo ou *escudo* da emissora).

> Escolhido para dirigir a emissora, Francisco de Sales Cavalcanti procurou dinamizar a programação, tornando-a cultural, conforme relata o jornal *A União* (30 mai. 1935, p. 3):Promete grande animação a irradiação do Rádio Club da Parahyba, no próximo sábado, cuja noitada passou a obedecer a direcção do Sr. Francisco Sales, um dos mais esforçados elementos daquella estação diffusora. Sempre interessado pelo progresso do nosso 'broadcasting', aquele estimado cavalheiro já está organizando um seleto programma de canto e música em que tomarão parte todos os radiófilos pessoenses. Para que a estação do Rádio Club preencha uma finalidade ainda mais proveitosa e utilitária, o Sr. Francisco Sales conseguiu do professor Sizenando Costa, director interino da Instrucção Primaria, e vindo de encontro ao programa daquele departamento, a designação de professores para realizarem semanalmente, aos sábados, um quarto de hora com palestras sobre assumptos educacionais. Completando essas iniciativas de nobilitante alcance, o conhecido maestro Olegário de Luna Freire, emprestará o seu concurso fazendo irradiar audições dos vários orfeões escolares da capital.

A Rádio Clube surgiu, então, como uma forma de pressionar a primazia da congênere pernambucana, incentivando os cidadãos paraibanos a não adquirir produtos no estado vizinho. A emissora mudou o nome para Rádio Difusora da Paraíba, e depois, em homenagem à tribo dos índios tabajaras, mudou definitivamente para Rádio Tabajara da Paraíba, ligada ao governo do estado juntamente com o centenário jornal *A União.*

O jornal oficial da Paraíba criou uma coluna para divulgar "os acontecimentos lançados ao éter" intitulada Vida Radiofônica, comprovando a integração da Rádio Clube à

vida cultural de João Pessoa que tinha no irmão impresso um grande auxiliar para sua consolidação dentro da sociedade. O jornal, por seu lado, não poupava linhas de notícias e elogios ao novo veículo, considerando-o "talvez a maior força auxiliar do nosso sistema educativo". Despertando a atenção de uma elite que passou a ter como símbolo de status possuir um aparelho receptor importado entronizado na sala de visitas, a Rádio Clube recebe a colaboração de jovens que nela "exercitam sua veia artística". Outro símbolo de destaque naquela década era apresentar a carteira de sócio da emissora. Ednaldo do Egypto (1987, p. 23) faz o seguinte comentário acerca da participação dos jovens no cast da Rádio Clube:

> Houve época em que, na nossa juventude, a distância entre um bairro e o centro da cidade, era mais longe do que viajar do Ponto de Cem Réis para Roliude [sic]. Com essa alegoria pode-se dizer, em troco miúdo, que a ânsia de muitos jovens, de inclinação artística, na década de 40 ou 50 era ouvir a Rádio [...] e, remotamente pertencer ao seu cast.

Depois de entendimentos entre Oliver von Shosten, José Monteiro e Francisco de Sales, o acervo da rádio foi doado para o patrimônio do Estado, sem ônus para os cofres públicos. Francisco de Sales Cavalcanti, último gerente da Rádio Clube, acumula as funções de diretor da Imprensa Oficial e da nova emissora. O Interventor Argemiro de Figueiredo traça planos visando tornar a Rádio Clube "instrumento de ação governamental voltado para a instrução pública". Trata-se de mais um reflexo dos tentáculos das forças estatizantes do governo central que deu origem à criação da primeira estatal da radiodifusão brasileira, conforme assinala Ortriwano (1985, p.12) quando, em 1940, Vargas decidiu tornar a Rádio Nacional "um instrumento de afirmação do regime" promovendo a sua encampação.

As intenções do Interventor Argemiro para com o emergente veículo ficaram claras com os sucessivos anúncios e matérias divulgadas no jornal oficial como por exemplo esta do dia 17 de janeiro de 1937, p. 3, já demonstrando o caminho que deverá seguir a emissora estatal e a apropriação que dela faz o Estado para vender a imagem ideológica:

> Dentre os melhoramentos de vulto de agora, na Parahyba, destaca-se a Estação Rádio-Diffusora que, no próximo dia vinte e cinco, espalhará pelos países do Continente Sul-Americano, a voz desta terra disciplinada e brava. A funcção do Rádio, de indiscutível valor, trará para o nosso Estado, vantagens que somente os espíritos progressistas podem, desde logo, aquilatar. E quaes serão estas vantagens? Todas, responderiam, inclusive a maior delas, que é a de tornar público, além das fronteiras do Estado, as iniciativas da administração parahybana que, de João Pessoa para cá, tem produzido uma verdadeira revolução nos costumes, nas atividades, no poder de iniciativa de cada cidadão nascido neste rincão nordestino. Uma estação de rádio para a Parahyba é, apesar de não ter custado uma fortuna, o maior presente que se lhe poderia ter dado [...]

Outro anúncio publicado no jornal oficial (23 jan. 1937, p. 3):

> PRI-4 Radio Diffusora da Parahyba
> Frequência: 10.000 kilociclos, ondas de 277,7 metros. Realizando-se, no próximo dia 25, Segunda-feira, a inauguração official da nossa 'broadcasting', devem os srs. Commerciantes, industriaes e interessados fazer logo o seu annuncio para ser lido ao microfone da PRI-4, dirigindo-se á Secção Econômica, com o Sr. Francisco Salles.

A ocasião propícia aconteceu na programação de dois anos de governo de Argemiro de Figueiredo, em 25 de janeiro de 1937. Juntamente com o Pavilhão Clifford Beer, no Hospital Colônia Juliano Moreira e mais a Casa do Estudante da Paraíba, dez grupos escolares e o novo município de Serra do Cuité, foram inauguradas as instalações da *Radio Diffusora da Parahyba* na Fazenda São Rafael, onde se encontrava o transmissor. Durante o dia houve desfile de tropas da Polícia Militar da Paraíba, do Esquadrão de Cavalaria e do Corpo de Bombeiros, festa desportiva no Parque Arruda Câmara, onde foram distribuídos bombons entre as crianças e retreta com as bandas de música dos municípios de Santa Rita e Alagoa Grande. O sistema de iluminação pública da Praça João Pessoa foi reforçado e foi também inaugurada nova iluminação na rua Duque de Caxias.

Homenageando os dois anos da administração Argemiro de Figueiredo, a empresa R. Wanderley anunciou a realização de sessões de cinema, contínuas e gratuitas, no Teatro Santa Rosa, a partir das 18 horas. No mesmo dia chegou a João Pessoa, procedente de Recife, uma "embaixada artística", liderada pelo maestro Nelson Ferreira. Teve início, aí, um intercâmbio cultural entre os dois Estados. No dia 25 de janeiro de 1937 *A União* circulou com 11 "secções", ou cadernos, com 8 páginas, cada.

Na solenidade de inauguração da emissora, o Governador esteve acompanhado de todo seu secretariado. Foi recebido na entrada da Fazenda São Rafael pelos técnicos da firma Byington & Cia., que montaram um "potente transmissor WA-10". Em seguida o engenheiro Jeronymo Duarte Rodrigues, da Byington & Cia., entregou oficialmente a Rádio ao Chefe do Governo. Discursaram o Dr. João Milanez, diretor do Departamento Oficial de Propaganda e Publicidade do Estado e o Governador Argemiro de Figueiredo. O locutor oficial naquela ocasião foi Waldemar Gonçalves. À noite, direto do estúdio localizado num dos salões da Imprensa Oficial, Figueiredo prestou contas de sua administração e às 20h 30min foi irradiada audição da orquestra de estúdio da emissora, regida pelo maestro Olegário de Luna Freire. Ao lado de Oliver von Shosten, Luna Freire encontrava-se também à frente da recém-criada Jazz Tabajara, orquestra que realizou seu primeiro ensaio no dia 23 de janeiro de 1937, nos salões do Clube Astreia, e visava ao carnaval daquele ano.

A programação apresentava toques eruditos: no dia 11 de fevereiro era anunciada a irradiação em caráter extraordinário de um programa com o soprano Sophia Rafalovitch, que se encontrava de passagem em João Pessoa para uma série de apresentações na Sociedade Israelita. A audição radiofônica ocupou um dos famosos "quartos de hora" da programação da Difusora com as seguintes peças: Ária da ópera *Madame Butterfly*, de Puccini; um *lied* de Schubert, *Diga-me outra vez* e a canção popular russa *Olhos Negros*. Dentro de pouco tempo já começavam a sair do anonimato os artistas que iriam se destacar no cenário radiofônico nacional. Severino Araújo mereceu o seguinte destaque na *Vida Radiophonica* (*A União*, 20 mar. 1937, p.3):

> Vamos iniciar esta secção destacando a atuação eficiente de Severino Araújo, no 'studio' da PRI-4. É um caboclo bom no clarinêto. Possue uns dêdos inquietos e agilíssimos. Parecem vibrar impulsionados por alguma corrente elétrica. Se, pelo receptor, notamos essa excelente agilidade, dentro do 'studio', observando-o de perto, nós ficamos surpreendidos com os seus movimentos. Os dedos de Severino Araújo, no clarinêto, descrevem verdadeiras expirais que divertem e entusiasmam. [...] Mas, não é somente no clarinêto que ele faz prodígios. No saxofone, também é bamba.

Em dezembro de 1937, Argemiro de Figueiredo assinou ato transformando o Departamento Oficial de Propaganda e Publicidade em Departamento de Estatística e Publicidade e vinculando a Rádio Tabajara ao Departamento o qual passou a contar com três setores: estatística, propaganda e Radiodifusão. O diretor do Departamento durante muito tempo foi o educador José Baptista de Mello. Argemiro anunciou que as mudanças iriam beneficiar o setor de Rádio, principalmente a sua parte técnico-artística, que passaria por grandes reformas. A promessa materializou-se na construção de dois prédios que abrigavam os estúdios, na Avenida Rodrigues de Aquino, antiga Rua da Palmeira e os transmissores, no final da avenida Pedro II, na Mata de Buraquinho. A emissora continuou instalada no prédio da Imprensa Oficial, na Praça João Pessoa, até a conclusão das obras dos edifícios. O edifício central concebido para abrigar a Rádio Tabajara foi obra do engenheiro-arquiteto Clodoaldo Gouveia e encontrava-se entre os cinco primeiros projetos a serem executados no país destinado exclusivamente para emissoras de Rádio (Rádios Nacional do Rio de Janeiro, Cultura de São Paulo, Farroupilha de Porto Alegre, Clube de Pernambuco e Tabajara). Para a elaboração do projeto foram convidados pelo governo do Estado engenheiros alemães que prestaram assessoria aos técnicos brasileiros na construção do edifício.

No final da década de 1970, a Rádio Tabajara mudou-se para instalações provisórias na avenida João Machado. Na mudança, uma parte do acervo de milhares de discos em 78 rotações quebrou-se ou perdeu-se e ninguém dá conta do restante dos discos. O antigo edifício da Rua Rodrigues de Aquino, conhecido como *Palácio do Rádio*, apesar de tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, foi demolido para dar lugar ao Fórum da Capital. Em 1985 a emissora oficial passou a ocupar as novas instalações construídas em ampla área na Mata de Buraquinho, antiga sede dos transmissores onde ficava a Fazenda São Rafael.

Poucas vozes se levantaram contra a demolição do antigo prédio da rua Rodrigues de Aquino. O professor e cineasta Linduarte Noronha (1987, p. 29), que foi diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP e presidente da Rádio Tabajara entre 1971 e 1974 foi uma dessas vozes:

> A história da Rádio Tabajara é muito parecida com a de **A União:** foram ambas destruídas espiritualmente. Arrancadas suas raízes num Estado que aprendeu a não respeitar suas origens, seus bens culturais. Uma chamada "elite" que entende ser preciso destruir para progredir, parece ser dona desta filosofia de final de século. Os alicerces profundos da Tabajara implantados por Argemiro de Figueiredo, em 1937, não mais existem. As duas unidades [estúdios e transmissores], símbolos de uma época do surgimento da informação eletrônica, de inestimáveis valores arquitetônicos [...] foram decapitados com extrema violência [...] A História da Rádio Tabajara tem um dia de ser escrita. As pesquisas ainda não foram feitas. Seus fundadores estão esquecidos. Sua memória ignorada pelas gerações de hoje. Não acuso os fazedores do rádio de hoje, porque o próprio rádio sofreu transformações profundas nas últimas décadas. O que está em pauta é o método de destruição desta cidade, deste Estado, nas suas raízes [...]

O Interventor Ruy Carneiro tinha fama de seresteiro e boêmio, era um aficionada da Orquestra Tabajara e costumava comparecer às suas apresentações. Sob a influência dos Estados Unidos devido à II Guerra Mundial, Severino Araújo preparou músicas brasileiras em ritmo de fox que tornaram-se a marca registrada da orquestra, no estilo do maestro americano Glenn Miller. Depois que sua fama se espalhou além dos limites do Estado, a Orquestra Tabajara realizou inúmeros shows no Rio de Janeiro, alguns deles com a presença de Ruy Carneiro. Numa dessas excursões o grupo foi contratado por emissoras do sul e não mais retornou à Paraíba. Na sua despedida houve uma apresentação no Cassino da Lagoa para uma multidão que idolatrava a orquestra. Ao animar o carnaval carioca de 1945, a Orquestra Tabajara mereceu o seguinte destaque da imprensa (*A União*, 25 jan. 1945):

> Sábado passado, das 21 horas em diante a Rádio Tupy, da cadeia dos Associados deu o grito de carnaval na Capital da República, apresentando para todo o Brasil a música mais típica e ardente, música que arremeda o pião, o curripio, os toques de trombeta, a algazarra, o pastoril, tudo enfim o que é do nordeste – o frevo. Os salões da Rádio estavam apinhados. No meio da multidão que se comprimia no auditório, o general Fulgêncio Batista, ex-presidente da República de Cuba; junto a ele o [ex]interventor Ruy Carneiro. Assis Chateaubriand e um punhado de figuras de destaque no cenário político da atualidade, e, mais, cumprimida [sic] ainda a multidão daqueles que descem os morros para escutar lá em baixo, - porque não puderam adquirir lugares no quinto andar da G-3 – os acordes da música pernambucana [...] No palco do auditório da Tupy, era a presença do locutor número 1, Carlos Farias,[sic] a Orquestra Tabajara, sob a batuta de Severino Araújo, que abria a noitada de frevo, com o maravilhoso 'Tabajaras no Rio', ficando a parte coreográfica a cargo do rei-do-passo em Recife, Milton Moreira, que arrancou da platéia uma ovação jamais presenciada em qualquer programa radiofônico [...] Não há quem se contenha dentro do auditório...A algazarra vai tomando foros de uma vibração de massa jamais presenciada nesses últimos tempos. Silvio Caldas, de maneiras tão distintas, e meio comedido a cantar seus sambas, aparece para interpretar o frevo de Nássara e Frazão 'Eu vou pra Pernambuco', e, sem se sentir, começa a gingar e requebrar, e, Carlos Farias, de quando em vez a elogiar os rapazes que não há muito deixaram a capital da Paraíba para uma aventura em pagos distantes.

A BIG BAND PARAIBANA

A Orquestra Tabajara foi fundada em 1933 em João Pessoa. Em 1937, com a inauguração da Radio Tabajara, a orquestra foi contratada para fazer parte de seu elenco. Nesta época Severino Araújo foi convidado para integrar o naipe de sax da Jazz Tabajara que já contava com músicos famosos entre os quais destacaram-se K.Ximbinho, José Leocádio, Geraldo Medeiros, Porfírio Costa, Raimundo Napoleão. Cláudio de Luna Freire, Olegário de Luna Freire (diretor). Com a morte repentina de Luna Freire, Severino Araújo, com apenas 21 anos de idade assume a direção do grupo. Cantores como: Francisco Alves, Orlando Silva, Déo, Ciro Monteiro e outros, acompanhados pela orquestra que excursionavam pelo nordeste na época ficavam surpresos com a qualidade dos músicos. O pai de Severino Araújo era mestre de banda em Limoeiro (PE), e foi quem deu as primeiras noções de música. Ainda criança, adotou a clarineta como instrumento favorito

Coraúcci (2010, p.91) conta como a especialização de Severino Araújo com o grande maestro, musicólogo e compositor alemão Koellreuter serviu para tornar a Orquestra Tabajara cada vez mais afinada e com técnica impecável. Em conversa no restaurante da Rádio Tupi, no Rio de Janeiro, o músico K-Ximbinho disse a Araújo que estava fazendo um curso de música atonal com um professor de música alemão e sugeriu que o maestro também frequentasse as aulas. Hans Joachim Koellreuter estava morando no Rio de Janeiro e influenciou músicos brasileiros da bossa nova ao tropicalismo. As aulas quinzenais

custaram ao maestro paraibano a quantia de 150 cruzeiros por mês; ele andava oito quarteirões a pé até a casa de Koellreuter, que ficava vizinha à casa que, três anos mais tarde pertenceria a outro aluno do mestre alemão, o brasileiro Tom Jobim. No primeiro dia de aula, Koellreuter chamou Severino Araújo a um canto e disse: "Rimsky-Korsakov deu este curso a Stravinsky, que o passou a Paul Hindemith, que o transferiu a Koellreuter, que, agora com muito prazer, repassa-o a Severino Araújo." (CORAÚCCI, 2010, p.92).

Em 1º de dezembro de 1951, Chatô inaugurou a reforma do auditório da Rádio Tupi, líder das emissoras associadas. As novas instalações incluíam confortáveis poltronas importadas e a capacidade para 1.500 pessoas. Na festa de inauguração, Almirante (Henrique Foréis Domingues) imaginou um programa com duas grandes orquestras, uma brasileira e outra estrangeira. A Orquestra Tabajara foi contratada para uma espécie de "duelo" com a famosa orquestra americana de Tommy Dorsey, quando, segundo proposta de Almirante, a orquestra americana executaria músicas brasileiras e a Orquestra Tabajara músicas americanas. Tommy Dorsey recusou, pois já conhecia a habilidade do maestro brasileiro como regente, arranjador e instrumentista; além disso, contou depois, na ocasião desconhecia qualquer música brasileira. O show foi um sucesso; segundo "palmômetros"[3] instalados no auditório, a orquestra Tabajara venceu a disputa. No final, Tommy Dorsey deixou seu trombone de lado, abraçou Severino Araújo e disse: "Severino, you're terrible, as arranger or musician" (CORAÚCCI, 2010, p.94). Dias depois, as duas orquestras viajaram juntas para Recife, onde participaram da inauguração da Rádio Tamandaré, da rede associada, e de show na Rádio Jornal do Comércio. O clímax da viagem foi uma apresentação das orquestras, sem conotação de disputa, no Clube Internacional de Recife. A viagem também serviu para a consolidar o cantor Jamelão como o mais longevo crooner da orquestra.

Em 1953, o jornal O Globo publicava o resultado dos melhores do disco escolhidos pelos profissionais da imprensa: Severino Araújo - melhor orquestra popular. Em 1956 a Orquestra Tabajara foi considerada pela crítica do Rio de Janeiro a melhor orquestra do ano, destacando-se os elogios dirigidos ao grupo e ao maestro Severino Araújo pelo compositor Jair Amorim, que participou da escolha.

No programa *O Show não pode parar*, apresentado pela TVE do Rio de Janeiro, em 1985, o apresentador e cartunista Ziraldo, durante uma entrevista com Severino Araújo

[3] Na verdade, era uma estratégia de marketing tecnológico, pois quem marcava a intensidade sonora era o "VU Meter", ou modulômetro das mesas de som da época.

cometeu a seguinte gafe (CORAÚCCI, 2010, p. 200): ao abrir o programa, disse que o nome Severino lhe fazia voltar aos 10 anos de idade, quando ouvia muito pelo rádio a Orquestra Tabajara; e perguntou de imediato qual era o seu grau de parentesco com o "grande e fenomenal maestro da orquestra"; seria neto, filho, o quê? Severino Araújo respondeu rindo: "você deve estar brincando, eu sou ele, o próprio". Ziraldo conta que a gafe ficou gravada em sua memória.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Umbelino Peregrino de. O velho prédio da Rádio Tabajara na evolução da arquitetura paraibana. In: MELLO, José Octávio de Arruda e VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) **Rádio Tabajara 50 anos**: 1937-1987. João Pessoa, A União Editora, 1987. p. 17-18. 42 p.

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. 2. ed. João Pessoa, Imprensa Universitária, 1977. 250 p.

BARRETO, Adalberto. Rádio Tabajara, meu amor. In: MELLO, José Octávio de Arruda e VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) **Rádio Tabajara 50 anos**: 1937-1987. João Pessoa, A União Editora, 1987. p. 31-32. 42 p.

CORAÚCCI, Carlos. **Orquestra Tabajara de Severino Araújo**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2010. 296 p.

Jornal **A União**. Nº 190, 7 set. 1922, ano XXX.

MARANHÃO FILHO, Luiz. **Memória do rádio**. Recife, Jangada, 1991. 95 p.

MOURA, Fernando e VICENTE, Antônio. **Jackson do Pandeiro** – o rei do ritmo. São Paulo, Editora 34, 2007. 410 p.

NÓBREGA, Eraldo Dantas. Paschoal Carrilho: "o príncipe dos auditórios". In: MELLO, José Octávio de Arruda e VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) **Rádio Tabajara 50 anos**: 1937-1987. João Pessoa, A União Editora, 1987. p. 24-25. 42 p.

NORONHA, Linduarte. Rádio Tabajara – in memoriam. In: MELLO, José Octávio de Arruda e VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) **Rádio Tabajara 50 anos**: 1937-1987. João Pessoa, A União Editora, 1987. p. 29. 42 p.

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. Radiojornalismo e reformas nos anos 70. In: MELLO, José Octávio de Arruda e VIEIRA, Nilton Tavares (orgs.) **Rádio Tabajara 50 anos**: 1937-1987. João Pessoa, A União Editora, 1987. p. 34. 42 p.

Série **Rádio no Brasil**. Collector's, 1988

SOUSA, Moacir Barbosa de. **Do gramofone ao satélite** – evolução do rádio paraibano. João Pessoa, Editora da UFPB, 2005. 214 p.